

MARIA AMÉLIA BATISTA

**TRABALHO FEMININO: UM ESTUDO COM AS MÃES DAS USUÁRIAS DO
CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS**

**TOLEDO
2008**

MARIA AMÉLIA BATISTA

**TRABALHO FEMININO: UM ESTUDO COM AS MÃES DAS USUÁRIAS DO
CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço
Social, Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Serviço Social.**

**Orientadora: Profa. Ms. Rosana
Mirales**

**TOLEDO
2008**

MARIA AMÉLIA BATISTA

**TRABALHO FEMININO: UM ESTUDO COM AS MÃES DAS USUÁRIAS DO
CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço
Social, Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Serviço Social.**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa: Ms. Rosana Mirales
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa.: Ms. Luciana Vargas Netto Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa.: Ms. Mileni Alves Secon
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Toledo, 19 de novembro de 2008.

Dedico este trabalho a minha mãe Maria do Carmo e a minha amiga sempre presente Lú.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e pela oportunidade de passar por este momento.

Às minhas amigas Lú, Carlotinha, Luize, Fram Gregório, Fram Buratto, Micheli e Nilce. Por mais que o tempo e a distância nos separe, sempre lembrarei de vocês com muito carinho e muita saudade;

Ao meu amigo Eliel pelos momentos de “téris”, de pizza no ponto, e de “bar do”;

Ao meu amigo Felipe pelos momentos de “téris”, de pôquer, pela picoca com temperinho de limão que EU fiz... e você reclamou...

Aos amigos da engenharia Mari, Gustavo, Raquel e Deise;

Ao Sr.Chico motorista da vam, que por muito tempo me levou a Toledo e que sempre me ajudou nos momentos mais difíceis. Muito obrigado!

Aos guardinhas do coração Marcelo, Dionísio pelo café com leite ninho, pelas madrugadas divertidas, ao Sr. Todi, à todos os funcionários da Unioeste em especial aos da biblioteca que me ajudaram muito, não só, mas principalmente no período de elaboração deste trabalho;

Aos “bernes nocleicos” (Priscila, Larissa e Renata) que me consolaram e não deixaram que eu desistisse, pelos “teris”, os pães de queijo e as muitas pipocas ao som de muito funk, é claro...

Ao Sr. Vicente (pai da Lú) pelas inúmeras caronas sempre bem humoradas independente do horário;

À Dona Dirce (mãe da Lú) pelas várias comidinhas gostosas, inclusive aquela torta de frango que só a senhora faz...

À minha orientadora, a coordenação do curso, a coordenação de TCC e a todo corpo docente do curso de Serviço Social, muito obrigado. Cada um a sua maneira, ficará guardado para sempre em minha memória;

À minha supervisora de Campo Rejane, você me ajudou mais do que eu esperava, me deu dicas que valem para toda vida e foi fundamental para que eu concluísse o curso;

À Lidiane e a Fernanda companheiras de dois anos de estágio no Dorcas;

A todas as colegas que moraram comigo na Kit 03 das amarelinhas;

À minha grande amiga de Cascavel Berenice, amiga que nunca esqueceria, principalmente em um momento como este;

À Bernardete minha “chefa” do coração, nunca esquecerei o que fez por mim, quando trabalhávamos juntos, e mesmo depois quando nem ao menos nos víamos... Muito obrigado Berna!!!

À Fernandinha amiga da 10ªRS, pelos momentos de descontração durante o expediente...

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha formação;

Ao meu companheiro Regi, que me consolou, me ouviu, me deu bons conselhos e me agüentou nos piores momentos;

Ao meu pai Damásio, que apesar de tudo que vivemos nestes anos, o tempo nos ensinou boas lições a nós dois;

Ao Toni pelas verbas emprestadas mesmo a contra gosto da esposa, pelas caronas de cascavel a Toledo;

Ao Biritifunga, pelos momentos de apoio e de cachaça, e de estímulo...

Ao “Porco Gordo” por pagar minha inscrição no vestibular em 2003... Quem diria heim!!! Você que não acreditava nem que eu passaria no vestibular!!! Pois é!!! Olha só, agora estou aqui fazendo os agradecimentos do TCC!!!

Principalmente agradeço minha mãe, porque se não fosse você eu nem estaria aqui, sem você eu não teria forças para chegar até aqui. A conclusão deste curso de graduação eu devo a você. Mãe eu te amo.

“[...] os homens fazem sua própria história,
mas não a fazem como querem; não a fazem
sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob
aquelas com que se defrontam diretamente,
legadas e transmitidas pelo passado.”
(Marx)

BATISTA, Maria Amélia. **Trabalho Feminino: um estudo com as mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* – Toledo, 2008.

RESUMO

Neste trabalho serão apresentadas no primeiro capítulo algumas considerações sobre a condição do trabalho da mulher no período de 1970 a década de 1990, quando se realizou algumas considerações sobre a tripla jornada de trabalho da mulher: fora de casa, durante a venda de sua força de trabalho no mercado, e, dentro de casa, onde ela realiza as atividades domésticas e o cuidado com os filhos. Ainda neste capítulo apresentam-se, sucintamente, reflexões a cerca das influências da família no trabalho da mulher, uma vez que seu salário se destina a manutenção da família e por esta realizar atividades domésticas isto interfere na sua organização para o trabalho assalariado. Têm-se também nesta primeira parte, alguns apontamentos referentes ao desemprego e ao trabalho informal, pois, os sujeitos da investigação deste trabalho são mulheres, trabalhadoras, mães, com o companheiro desempregado. Logo, o tema desemprego deve ser abordado, pois se trata de uma característica do companheiro. Os procedimentos metodológicos utilizados para realização da investigação também se encontram presentes ao final deste capítulo. Desta maneira, no segundo capítulo, serão apresentadas as informações obtidas com a investigação, nas fichas cadastrais das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas, levantamento este realizado para identificar os sujeitos da investigação, bem como ter um panorama das características das famílias atendidas pela entidade. Finalizando o capítulo se apresenta a análise das informações obtidas através de entrevista realizada com as mulheres sujeitos da investigação, sendo que houve dois momentos com as entrevistadas, seguido das considerações finais do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras chave: mulher, trabalho, exploração.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS:

GRÁFICO 1 - LOCAL DE TRABALHO	40
GRÁFICO 2 - REMUNERAÇÃO	40
GRÁFICO 3 - CONTRATO DE TRABALHO	40
GRÁFICO 4 - ATIVIDADE QUE REALIZA	41
GRÁFICO 5 - ESCOLARIDADE.....	42
GRÁFICO 6 - COMPANHEIRO AJUDAVA COM O TRABALHO DOMÉSTICO....	42
GRÁFICO 7 - LOCAL DE TRABALHO	44
GRÁFICO 8 - REMUNERAÇÃO	44
GRÁFICO 9 - CONTRATO DE TRABALHO	44
GRÁFICO 10 - ATIVIDADE QUE REALIZA	45
GRÁFICO 11 - COMAPANEIRO ESTÁ TRABALHANDO.....	45
GRÁFICO 12 - CONTRATO DE TRABALHO DO COMPANHEIRO	46
GRÁFICO 13 - COMPANHEIRO AJUDA COM O TRABALHO DOMÉSTICO	46

QUADROS:

QUADRO 1 - COMPOSIÇÃO FAMILIAR	36
QUADRO 2 - SALÁRIO.....	37
QUADRO 3 - RENDA FAMILIAR	38
QUADRO 4 - QUANTIDADE DE PESSOAS TRABALHANDO POR FAMÍLIA.....	39

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	10
1 TRABALHO FEMININO E JORNADAS DE TRABALHO.....	15
1.1 TRABALHO CATEGORIA CENTRAL DA VIDA HUMANA	15
1.2 TRABALHO FEMININO.....	17
1.2.1 As influências da família no trabalho da mulher	24
1.3 DESEMPREGO E TRABALHO INFORMAL	27
1.4 METODOLOGIA.....	29
2 CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS: CAMPO DE ESTÁGIO E LOCAL DA INVESTIGAÇÃO	33
2.1 CONHECENDO O CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS	33
2.2 UM ESTUDO COM AS MÃES DAS USUÁRIAS DO CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS	34
2.2.1 Sistematização das informações das fichas cadastrais	35
2.2.2 Análise das entrevistas	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55

INTRODUÇÃO

Inicia-se este Trabalho de Conclusão de Curso apresentando a questão central desta investigação, ou seja, a questão que norteia todo processo de investigação, sendo ela neste caso: *quais as implicações das jornadas de trabalho na vida da mulher mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas?* Buscando responder a este questionamento, buscou-se além das questões abordadas no primeiro capítulo, por teóricos que problematizam questões referentes ao trabalho feminino e a divisão sexual do trabalho, realizar entrevistas com as mães das usuárias da entidade, apresentada no segundo capítulo, procurando apreender pontos relevantes, para esta investigação, do cotidiano destas mulheres.

O Centro Comunitário e Social Dorcas possui duas unidades, sendo a Unidade 1 localizada na Vila Pioneira e, a Unidade 2 localizada na região do Jardim Coopagro ambas no município de Toledo – Paraná. A Unidade 1 iniciou suas atividades no ano de 1995 atendendo somente meninas na faixa etária de 12 a 17 anos. A Unidade 2 iniciou suas atividades no ano de 2003, atendendo meninos e meninas, na faixa etária dos 06 aos 17 anos de idade em sistema de contra turno escolar.

A Unidade 2 da entidade conta com os projetos Família Feliz, Jornada Ampliada, PETI, Casa Lar e Ativa Idade. Segundo o Relatório de Atividades da entidade (2006) o projeto Família Feliz tem como objetivo fortalecer o grupo familiar por meio de ações de orientação individual e de grupo às famílias. Este projeto visa atender famílias residentes no município de Toledo com renda *per capita* de até meio salário mínimo em situação de vulnerabilidade social. As atividades desenvolvidas por este projeto incluem reuniões, palestras, oficinas, cursos, encaminhamentos e campanhas que objetivam a divulgação de informações, integração e participação das famílias.

O programa Jornada Ampliada oportuniza atendimento, em sistema de contra turno escolar, a crianças e adolescentes de 06 a 17 anos, de ambos os sexos, consideradas em situação de vulnerabilidade social. Este programa tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de orientação, estudos, culturais e de iniciação ao trabalho observando os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS.

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI oportuniza o atendimento a crianças e adolescentes de ambos os sexos com faixa etária de 06 a 17 anos considerada em situação de vulnerabilidade social e risco de trabalho infantil, oferecendo atividades extracurriculares e cursos de orientação quanto à iniciação profissional. Os dois programas mencionados e o projeto Família Feliz, ocorrem paralelamente, nas duas unidades da

entidade. Os programas e projetos que serão apresentados na seqüência são desenvolvidos somente na Unidade 2 situada no Jardim Coopagro do município de Toledo.

O programa Casa Lar consiste em um abrigo que fornece proteção a crianças e adolescentes de 06 a 12 anos, oriundas do município de Toledo em situação de risco extremo e/ou abandono provisório, encaminhados mediante decisão judicial do Ministério Público.

O projeto Ativa idade possui um atendimento voltado aos idosos residentes no município de Toledo com renda *per capita* de até um salário mínimo. Este trabalho envolve ações que procuram resgatar a auto-estima e o fortalecimento físico do idoso, promovendo o conhecimento e divulgação dos direitos do idoso.

A manutenção deste trabalho ocorre através de repasse mensal de recursos dos convênios com Prefeitura Municipal através do Fundo Municipal de Assistência Social, de promoções, doações, apadrinhamentos, colaborações da Congregação Cristo Redentor e recursos oriundos da parceria com a FASUL – Faculdade Sul Brasil – pelo faturamento com estacionamento.

A Unidade 1 do Centro Comunitário e Social Dorcas, foi campo de estágio curricular da presente acadêmica nos anos de 2007 e 2008. A entidade atualmente presta atendimento de contra turno escolar a crianças e adolescentes, do sexo feminino, com faixa etária entre 06 e 17 anos de idade. A entidade oferece atividades de reforço escolar, aulas de informática, música, teatro, dança e artesanato.

Para desenvolver este atendimento a entidade mantém 20 funcionários e possui cerca de 12 voluntários que atuam nas áreas administrativas, educacionais e técnicas. Além dos palestrantes que colaboram nas atividades desenvolvidas com as famílias. Nos eventos realizados em prol da entidade, mais de 100 pessoas são mobilizadas e trabalham para angariar recursos para manter esse trabalho.

O Centro Comunitário e Social Dorcas criou um evento no município de Toledo e este já faz parte do Calendário Oficial de Eventos do Município, trata-se da Festa das Tradições Italianas e Germânicas que ocorre no mês de agosto, sendo seu atrativo as comidas típicas e apresentações culturais destas duas nações colonizadoras da região oeste do Paraná. O evento tem por objetivos divulgar as tradições do povo italiano e alemão, e angariar recursos para o desenvolvimento das atividades propostas pela entidade. Para esta investigação foram utilizadas informações coletadas das usuárias da Unidade 1, por este motivo todas as vezes que este Trabalho de Conclusão de Curso referir-se à entidade, diz respeito a esta unidade, ou seja, a Unidade 1 da Vila Pioneira.

Desta forma, durante o estágio curricular, no momento de recadastrar as usuárias da entidade para o ano de 2008, no manuseio das fichas cadastrais das usuárias, que se percebeu que haviam muitas famílias onde a mãe era a única provedora do sustento familiar. Em alguns casos esta mulher, tinha um companheiro, entretanto, este encontrava-se, naquela ocasião, desempregado, então esta mãe era a única provedora de renda para aquela família. Foi a partir destas informações que partiu o desejo de investigar com estas mulheres como é seu cotidiano, de dona de casa, trabalhadora assalariada e mãe. Foi a partir deste momento que se iniciou a busca por referenciais teóricos, capazes de subsidiar a primeira parte da investigação, bem como servir de base se chegar os objetivos de tal investigação.

Após a primeira entrevista que serviu, também, como pré-teste das questões presentes no roteiro de entrevista, houve a possibilidade de perceber que esta investigação atendia a outros objetivos que não aqueles formulados antes de se iniciar as entrevistas. Desta maneira, processou-se posteriormente a readequação dos objetivos do trabalho, bem como da questão norteadora, para dar seqüência à investigação.

Reformulado, apresenta-se como objetivo geral desta investigação verificar quais são as jornadas de trabalho da mulher mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer quais são os trabalhos realizados pelas mulheres dentro e fora de casa, e conhecer como se dá a divisão sexual do trabalho e a organização da renda no contexto da composição familiar.

A construção desta investigação se deu da seguinte forma: num primeiro momento se fichou os textos referentes ao tema trabalho feminino. Em seguida verificou-se a possibilidade de realizar a investigação no local proposto, neste caso a entidade que foi campo de estágio curricular no ano de 2007 e 2008. Confirmado o local para investigação, processou-se um levantamento nas fichas cadastrais das usuárias da entidade, com a finalidade de identificar os sujeitos da pesquisa, bem como ter uma visão geral do perfil das famílias atendidas pela entidade. Neste trabalho o perfil definido para investigação caracteriza-se pela mulher, trabalhadora assalariada, mãe da usuária da entidade, que está com o companheiro desempregado. Em seguida houve uma sistematização das informações contidas nestas fichas, seguida da confirmação das mulheres a serem entrevistadas.

Para se chegar à confirmação da participação destas mulheres na presente investigação, programou-se juntamente com a supervisora de campo de estágio, uma reunião nas dependências da entidade, com a finalidade de esclarecer a todas as mães, selecionadas como possíveis sujeitos da pesquisa, o propósito desta investigação, como, quando e porque seria realizado as entrevistas e também de atualizar os endereços que constavam nas fichas

cadastrais. Nesta reunião somente uma mãe compareceu, sendo que com a mesma foi realizada as ações acima descritas, bem como agendou-se o dia para a entrevista. Com as demais mulheres o contato foi realizado via telefone, sendo que quatro delas concordaram em participar da entrevista. A sexta mulher selecionada como potencial sujeito da pesquisa, não foi encontrada após varias tentativas via bilhete entregue a filha que frequenta a entidade, via telefone, e por ultimo via visita domiciliar. Desta maneira haviam seis mulheres com perfil acima descrito que poderiam ser entrevistadas, destas cinco foram entrevistadas e no segundo capítulo deste trabalho encontra-se a análise das informações obtidas através desta entrevista.

Posteriormente realizou-se o primeiro contato com as entrevistadas, sendo que o roteiro para entrevista utilizado nesta ocasião segue no apêndice 01. Percebeu-se que havia a necessidade de outro contato, pois, as respostas dadas durante a primeira entrevista, mostraram-se insuficientes para responder ao questionamento central desta investigação. Este segundo contato foi também para verificar quais mudanças ocorreram desde o período em que elas preencheram a ficha cadastral, declarando estarem com o companheiro desempregado, até aquele momento do segundo contato em que a situação de desemprego poderia estar superada ou não.

Houve então o segundo contato com as mulheres para entrevistas, seguido da sistematização das informações retidas das entrevistas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta como tema o trabalho feminino. O primeiro capítulo aborda algumas considerações referentes ao trabalho feminino. A visão de autoras que discutem este assunto possibilitou uma melhor apreensão da condição de exploração que vive a mulher trabalhadora, que é explorada não só no ambiente de trabalho, mas também dentro de sua casa. Seguindo esta linha de raciocínio, o primeiro capítulo apresenta ainda, algumas considerações sobre as influências que a família exerce sobre a mulher trabalhadora, as implicações que estas relações familiares causam na permanência ou não da mulher no mercado de trabalho.

Ainda no primeiro capítulo se apresenta uma breve referência ao desemprego. Este aparece neste trabalho, pois, o perfil da mulher sujeito desta investigação, era caracterizado, pela mulher trabalhadora, mãe, que está com o companheiro desempregado. Neste sentido buscou-se, neste ponto do trabalho, situar o desemprego e o trabalho informal, porque o desemprego dos companheiros aparece durante as entrevistas, em alguns casos, como algo superado, em outros a condição permanece inalterada. Não podemos negar que o desemprego altera as relações familiares, bem como o cotidiano das famílias, portanto, esta

abordagem, mesmo que sucinta, mostrou-se pertinente para esta investigação. Tem-se no final deste capítulo os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho.

Sendo assim, o segundo capítulo apresenta inicialmente o campo de estágio, situando onde e quando o mesmo surgiu, quais programas e/ou projetos são desenvolvidas na unidade campo de investigação e quais as atividades são desenvolvidas neste espaço. Ainda neste capítulo apresenta-se a sistematização das informações obtidas com as fichas cadastrais das usuárias da entidade e também das informações retiradas das entrevistas.

Após a realização das entrevistas se passou a analisar o conteúdo da sistematização das fichas cadastrais, bem como das entrevistas, buscando compreender a situação vivida pelas mulheres, mães das usuárias da entidade, tendo como referência a construção teórica formulada anteriormente. A partir disso, se chegou às considerações finais.

1 TRABALHO FEMININO E JORNADAS DE TRABALHO

1.1 TRABALHO CATEGORIA CENTRAL DA VIDA HUMANA

Neste primeiro momento procedeu-se uma breve abordagem referente à categoria trabalho, pois, o mesmo mostra-se pertinente para esta investigação, partindo-se da prerrogativa que estamos falando de trabalho, nas esferas produtiva e improdutiva, principalmente da segunda que é onde se encaixa o trabalho doméstico.

De acordo com as aulas do prof. Alfredo Batista (2007)¹ O trabalho é a protogenese da existência humana, ou seja, sem o trabalho não existiria vida humana. Temos que trabalhar para suprir as necessidades do estômago e da fantasia. Pois, a caça (alimento) não chega a nossa mesa do sujeito, sem que mesmo se mova, assim como o abrigo não se constrói sozinho, ou seja, “[...] as condições materiais de existência e reprodução da sociedade [...] obtêm-se numa interação com a natureza: a sociedade através de seus membros [...] transforma matérias naturais em produtos que atendem às suas necessidades. [...]” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 30). A esta transformação dá-se o nome de trabalho e por este motivo que o mesmo é a protogenese da existência humana e sem ele não existiríamos.

De acordo com Netto e Braz (2006) o que denominamos trabalho se diferencia de qualquer outra atividade, por que

em primeiro lugar [...] *o trabalho não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural*; diferentemente, ele exige *instrumentos* que, no seu desenvolvimento, vão cada vez mais se interpondo entre aqueles que o executam e a matéria;

em segundo lugar, porque *o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas*; bem ao contrário, passa a exigir *habilidades e conhecimentos* que se adquirem inicialmente por repetição e experimentação e que se transmitem mediante *aprendizado*;

em terceiro lugar, porque o trabalho *não atende a um elenco limitado e praticamente invariável de necessidades*, nem as satisfaz sob *formas fixas*; se é verdade que há um conjunto de necessidades que sempre deve ser atendido (alimentação, proteção contra intempéries, reprodução biológica etc.), as *formas* desse atendimento variam muitíssimo e, sobretudo, implicam o desenvolvimento, quase sem limites, de *novas necessidades*. (NETTO; BRAZ, 2006, p. 30-31).

¹ Conteúdo de aula expositiva da disciplina de Trabalho, Processo de Trabalho e Constituição da Sociabilidade I, ministrada pelo docente prof. Alfredo Batista no dia 26 de março de 2007.

Os seres sociais se diferenciam dos seres inorgânicos, pois estes não têm vida orgânica. Os seres sociais se diferenciam dos seres orgânicos, pois estes agem apenas por instinto ou por repetição. Os seres sociais possuem racionalidade. Ter racionalidade significa colocar finalidade naquilo que se faz, ou seja, é a capacidade de pré-ideação que somente o ser humano social possui.

Dentre os seres orgânicos não sociais há espécies que também trabalham (formigas, abelhas, aranhas), porém, estes o fazem apenas por repetição ou instinto, ou seja, ele não planeja suas ações, apenas reproduz o que lhe cabe naturalmente. O trabalho humano é o único que tem finalidade, pois, o homem é o único que age teleologicamente, ou seja, o ser humano é capaz de pré idealizar suas ações. Desta forma

[...] o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que á no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objetivo. [...]. (MARX, 1983 *apud* NETTO; BRAZ, 2006, p. 31).

Segundo Netto e Braz (2006) o trabalho é categoria central de percepção do fenômeno “humano-social”, pois, está é a única categoria que cria valor. Esta dimensão cria valor por que é a única capaz de transformar a natureza mediante o emprego da força de trabalho humana intermediada pelos instrumentos de trabalho, desta maneira pode se dizer que o valor, ou seja, a riqueza socialmente produzida provém unicamente do trabalho.

Os autores afirmam que a origem do valor está no processo de produção e que é função do trabalho criar valor, sendo o mesmo terminado pelo quanto de tempo socialmente necessário, foi gasto para produzir determinado valor de uso. Logo, o valor é criado durante a produção material. Nestas circunstâncias, o trabalho de um médico ou de um professor, apesar de ser útil a sociedade, o mesmo é trabalho improdutivo, porque não cria valor. Este trabalho assim como o de assistentes sociais, telefonistas, professores, entre outros atuam na reprodução, pois não envolvem atividades produtivas. Desta forma pode-se dizer que o ato de criar valor só é viabilizado por meio da “[...] produção de mercadorias. [...]” (MANDEL, 1998 *apud* NETTO; BRAZ, 2006, p. 115). Ou seja, as atividades de um operário de uma indústria de automóveis, por exemplo, é trabalho produtivo, pois seu trabalho envolve a criação de valor e de mais-valia.

Não se alongará a abordagem a cerca deste assunto, por entender que os conceitos chaves para a compreensão desta investigação, são abordados suficientemente por estes dois pontos acima descritos, sendo um a definição de trabalho, e o outro a definição de trabalho improdutivo e trabalho produtivo.

Desta forma no ponto seguinte, a abordagem que segue diz respeito ao trabalho feminino e a divisão sexual do trabalho, presente não só no trabalho assalariado, mas também no trabalho doméstico.

1.2 TRABALHO FEMININO

De acordo com Hirata e Kergoat (1994), quando teóricos que escreveram sobre o capital e suas imbricações, falam sobre a classe operária e não fazem referência ao sexo. Como se a produção unificasse homens e mulheres, quando o único elemento de distinção fosse o fato de estarem ou não empregados. Neste sentido

[...] o conceito de classes, ou melhor, a utilização que dele foi e é feita, não permite captar o lugar da mulher na produção e na reprodução sociais. Relações de classe e relações de sexo são, de fato, coextensivas (isto é, elas se superpõem em parte): tanto para as mulheres como para os homens só podem ser analisadas conjuntamente.” (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 93).

Ao falar em classe operária, pensa-se apenas na exploração que sofrem os trabalhadores da indústria, aquele que tem sua força de trabalho subtraída, utilizada para maximizar o lucro do capitalista, e não paga, porém, não lembram-se de mencionar o fato de que a mulher é duplamente explorada, na medida em que ela é, igual ao homem, explorada na indústria pois ela trabalha fora de casa, e muitas vezes também é explorada pelo seu companheiro ou por sua família de modo geral dentro de casa.

As mulheres são ensinadas, desde muito cedo, a cuidar da casa, cuidar dos filhos, “tratar bem” o pai ou companheiro, pois, isto caracteriza uma boa mulher, uma boa dona-de-casa. Mas o que socialmente foi e continua sendo encoberto, é que este pensamento e conseqüentes atitudes tornam a mulher responsável única pelos trabalhos domésticos. Apesar de estarmos vivendo no século XXI, a mulher que não se dedica aos trabalhos domésticos ainda são mau vistas, sempre vemos um vizinho ou um amigo, dizendo “nossa aquela ali não sabe fritar nem um ovo!!”, como se lavar, passar e cozinhar fossem atributos indispensáveis e

que já devem vir inculcidos naturalmente em todas as mulheres assim como o chamado “instinto materno”.

Neste sentido, é possível perceber que a divisão sexual do trabalho se dá destinando as atividades do setor produtivo aos homens, como por exemplo, a indústria de automóveis, e as atividades do setor reprodutivo ou de prestação de serviços às mulheres. Como exemplo deste fato, pode ser citado o grande número de mulheres que ocupam as profissões de professora, telefonista, secretária, assistente social, babá, sendo estas ocupações onde a maioria dos trabalhadores são mulheres. De outro lado, têm-se profissões predominantemente masculinizadas é o caso de pedreiros, mecânicos, montadores, entre outros. Historicamente ocorreu a definição cultural de atribuições masculinas e femininas do trabalho, de acordo com a condição biológica do sexo. Ocorre que com o desenvolvimento da sociedade, inclusive em seu formato atual, esta discriminação baseada na biologia se mantém transferindo-se para o social, como se fosse natural. Exemplo disso são as mudanças recentes promovidas pela atualização tecnológica em que os postos de trabalho, antes exigentes de força masculina, mantêm-se destinados aos homens, com simples controle eletrônico. Pode-se assim dizer que a divisão sexual do trabalho, não é algo estabelecido biologicamente, mas socialmente determinado e repassado ao longo de anos aos membros da sociedade sob diversas formas de acordo com a cultura de determinado país.

Kergoat (2003) deixa claro que o movimento feminista não teve início por causa de questões relacionadas ao aborto, e sim por entender que as mulheres realizam uma grande quantidade de trabalho gratuitamente. Que este trabalho ela não realiza para si, ela o realiza para outras pessoas, e o que se tem é uma naturalização desta relação de opressão e exploração que sofre a mulher, simplesmente por ser biologicamente do sexo feminino.

As autoras Hirata e Kergoat (1994) dizem que nos anos 1970, o conceito marxista de classe social, foi criticado por autores preocupados com as mulheres, pois, a mesma pertence à classe social do pai ou do marido, não se considerando as “[...] atividades da própria mulher” (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 94).

O gênero² é tratado, nas classes sociais, como se

[...] não implicasse nenhuma heterogeneidade em sua composição, em seus comportamentos e práticas. [...] As mulheres, em *O Capital*, não têm existência como sexo social, mas fazem parte, como outras categorias

² “[...] O conceito é usado tanto para distinguir e descrever as categorias mulher e homem, como para examinar as relações estabelecidas entre eles. [...]” (CARLOTO, 2006, p.142).

sociais, do exército de reserva industrial. [...]. (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 94).

Para este estudo não se tomou gênero como uma questão fundamental. Porque o ponto fundamental da discussão proposta não referiu-se à relação homem-mulher, mas à divisão sexual do trabalho que mantém a desigualdade entre homens e mulheres no trabalho, repercutindo de formas variadas nas famílias de acordo com a sua condição de classe.

O conceito marxista de exploração demonstra-se, então, insuficiente para mostrar toda a opressão e exploração sofrida pela mulher neste tipo de sociedade. Segundo as autoras,

“Dizer que a classe operária tem dois sexos significa, em suma, que as relações de classe são sexuadas. Por isso é necessário conceitualizar a noção de classe operária sexuada, com sua proposição recíproca: as relações de sexo são atravessadas por pontos de vista de classe: elas são ‘classistas’. [...]. Em outras palavras: não é só em casa que se é oprimida nem só na fábrica que se é explorado (a)!. [...] Afirmar que as relações de opressão e relações de exploração, além de se articularem, formam uma teia, não resolve todos os problemas. Porque as diferentes modalidades de articulação [...] dependem do tipo de sociedade, do grau de industrialização, do nível de desenvolvimento econômico e social etc. (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 95-96).

Mostra-se necessário que haja mais estudos referentes à mulher trabalhadora, pois, os já existentes, mesclam homens e mulheres que fazem parte de uma mesma classe social, sendo que os níveis de exploração entre os sexos são diferenciados. Mesmo no trabalho assalariado, mulheres geralmente ganham menos que os homens por exercerem atividades que demandam menor força física e maior habilidade. Apesar de trabalhar o mesmo número de horas que os trabalhadores do sexo oposto, as atividades exercidas por elas são consideradas inferiores.

A partir desta relação entre trabalho pesado e trabalho leve, com salário maior ou menor, entra-se numa discussão abordada por Paulilo (1987) onde a autora afirma que as atividades pesadas são melhor remuneradas, do que as consideradas trabalhos leves. Sendo a segunda atividade exercida por mulheres e crianças, mesmo trabalhando o mesmo número de horas, e que a habilidade venha fazer contraponto a força física. Ou seja, se uma mulher por possuir naturalmente menor força que um homem não agüente realizar determinada tarefa e por isso realiza outras atividades, sua remuneração é inferior ao do seu colega do sexo oposto, mesmo que a atividade desempenhada pro ela, seja tão desgastante física e psiquicamente quanto a do homem. Neste sentido a autora firma que

Poder-se-ia dizer que mulheres e crianças desempenham certas tarefas porque, de fato, estas são ‘leves’ por sua própria natureza. Mas não é bem assim. Na verdade, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são ‘leves’ as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil. [...]. (PAULILO, 1987, p. 67).

As autoras Hirata e Kergoat destacam em seu texto que em países como o Brasil,

[...] as classes e as categorias sociais são bem menos estruturadas e suas separações menos nítidas (embora haja fortes antagonismos sociais e nítidas distâncias entre dominantes e dominados): há maior fluidez entre reprodução e produção, o nível de salarização é mais fraco, as passagens do setor formal para o informal, e do informal para o formal, são freqüentes e amplas [...]. (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 97).

Afirmando que, ao sair do emprego as mulheres em grande maioria, voltam a se dedicar apenas ao lar e aos filhos enquanto os homens partem para o mercado informal de trabalho. Sendo que algumas delas traçam uma trajetória de trabalhos informais, que vão desde o trabalho doméstico assalariado até as atividades temporárias em indústrias. Mas, de acordo com Coelho (2002), a relação da mulher com o trabalho exige dela um grande esforço para conciliar trabalho assalariado e atividades domésticas para manter-se no mercado. A autora diz ainda que

O ambiente e as relações de trabalho também continuam em muitos locais como espaços de discriminação explícita ou implícita, no que se refere ao seu estado civil, à maternidade, ao assédio sexual, a punições por faltas ou atrasos pra assistirem os filhos, entre outros aspectos. Outros problemas menos visíveis [...] também estão presentes como os que dizem respeito às relações de trabalho na interseção com a vida doméstica, a falta de infraestrutura pública e a segregação ocupacional. [...] [são fatores que] dificultam e criam impedimentos, [...] [para que as mulheres se mantenham no mercado de trabalho]. (COELHO, 2002, p. 66).

Sendo mais difícil o seu ingresso e permanência no mercado de trabalho, provocado, justamente, pelo acúmulo de tarefas destinadas a ela, ou seja, trabalhar como assalariada, em casa, cuidar dos filhos e as vezes estudar, sendo o estudo a primeira coisa que elas abandonam quando se vêm sobrecarregadas, por isso a

[...] necessidade de articular papéis familiares e profissionais vai limitar a disponibilidade das mulheres para o trabalho, dependendo de uma complexa associação de características pessoais e familiares. Em suas escolhas e possibilidades vão estar presentes fatores como: o estado conjugal e a presença de filhos, agregados à idade e à escolaridade destes e a organização do grupo familiar, como o ciclo da vida e a estrutura familiar, muito embora hoje a necessidade econômica e a existência de emprego tenham papel fundamental em suas decisões. (BRUSCHINI, 1995 *apud* COELHO, 2002, p. 68).

Bruschini (1994) complementa o apontamento de Coelho (2002), afirmando que existe um consenso de que, para a mulher, suas necessidades e possibilidades de trabalhar de forma assalariada dependem, além da sua condição econômica, da condição familiar, onde, por exemplo, a existência de filhos pequenos interfere na sua vida enquanto profissional. Na medida em que, principalmente nesta fase, os filhos ficam sob a responsabilidade quase que exclusiva da mãe.

Por isto, para este estudo consideramos cada uma das atividades realizadas pelas mulheres, quer seja no âmbito doméstico ou no mercado de trabalho, uma jornada. Como veremos na investigação realizada, todas as mulheres entrevistadas realizam mais que uma jornada de trabalho ou genericamente, três, a qual passamos a denominar tripla jornada de trabalho.

As autoras Hirata e Kergoat (1994) dizem que a cada “[...] quatro subempregados, três são mulheres, em cinco operários quatro são homens. Logo, a segregação aumentou ao mesmo tempo que as modalidades sexuadas da relação salarial tendem a se aproximar. [...]” (p. 99). Esta visão é compartilhada por Coelho (2002) quando a mesma afirma que a mulher necessita estudar, ou seja, permanecer nos bancos escolares bem mais tempo que os homens para que tenham a mesma faixa salarial. Quando são trabalhadoras domésticas, não formais, e/ ou temporárias que atuam também no setor de serviços gerais, devido à informalidade dos contratos e das relações de trabalho, não são vistas ou legitimadas como trabalhadoras assalariadas pela sociedade.

Bruschini (1994) relata que foi a partir dos anos 1970 que cresceu significativamente, a participação da mulher no mercado de trabalho. Esta foi uma forte transformação que ocorreu, sobretudo, na área urbana, diversificando os ramos de atuação feminina. Uma das razões porque a mulher ingressou no mercado de trabalho foi a necessidade da complementação de renda, sendo que as mulheres mais instruídas, também ajudaram a engrossar a entrada feminina no mercado formal de trabalho.

Bruschini (1994) diz que a crescente industrialização ocorrida no país, desde os anos 1970, gerou um ambiente favorável à incorporação da mulher em todos os setores produtivos. Neste mesmo período, houve redução da natalidade, principalmente nas regiões mais desenvolvidas do país, o que liberou a mulher para o trabalho fora do lar. Assim como nos anos 1970, nos anos 1980 e 1990 continuou crescendo a participação da mulher no mercado de trabalho principalmente nas áreas urbanas. A mesma autora afirmou que, segundo pesquisa realizada com base nos dados do PNADs³, no ano de 1988, mostrou que o auge da atividade econômica entre os homens é entre 30 e 40 anos, e entre as mulheres é até no máximo 24 anos, retomando as atividades dos 30 aos 39 anos. A autora explica que este fenômeno ocorre devido ao fato de que entre os 24 e 30 anos, é comum a mulher abandonar o trabalho para se dedicar à maternidade e quando os filhos adquirem mais idade, elas retornam ao mercado de trabalho. Quando não ocorre a mulher para de trabalhar para cuidar dos filhos, já que muitas vezes, no caso da trabalhadora assalariada, não tem condições de pagar alguém para cuidar das crianças enquanto sai para trabalhar. Neste caso, ela recorre aos parentes e vizinhos, mas quando esta estratégia falha, o jeito é ficar em casa e dedicar-se às atividades domésticas e ao cuidado com as crianças. Desta maneira, de acordo com Coelho (2002) a presença de filhos é o fator que mais interfere no ingresso e permanência da mulher no mercado de trabalho. Pois, a partir deste momento ela assume a terceira jornada de trabalho, já que além do trabalho assalariado e do trabalho doméstico, tem o cuidado com as crianças que geralmente quando são menores, ficam sob responsabilidade quase exclusiva da mãe. Coelho (2002) mostra ainda que as mulheres, ao não concordar em permanecer apenas ligadas a atividades domésticas, acabam tendo uma vida estressante por pretenderem realizar múltiplas tarefas. Desta maneira

[...] algumas mulheres acabam por associar o trabalho com perdas, considerando como positivo uma participação mais restrita no mercado de trabalho. A percepção de que dessa maneira terão ganhos secundários, como a possibilidade de dispor de maior tempo, é uma visão ilusória, já que este comportamento não representa a solução do problema, mas sim sua manutenção. (COELHO, 2002, p. 68).

Outro fato que marca a pesquisa de Bruschini (1994), é que o estado civil também influencia na área de atuação da mulher. “[...] Enquanto a indústria emprega,

³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE.

preferencialmente, jovens e solteiras, outros setores como serviços, atividades sociais e administração pública tendem a favorecer o emprego de mulheres casadas, provavelmente mais velhas. [...]” (BRUSCHINI, 1994, p. 184).

Segundo a autora, a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro, se deu, sobretudo devido ao empobrecimento das famílias brasileiras em meio a tantas crises econômicas, encontrando como saída para este problema, a mobilização de mais membros da família para o trabalho assalariado, para complementar a renda do antigo chefe de família. A autora afirma ainda que entre os anos de 1981 a 1990, de acordo com sua pesquisa, houve uma redução da quantidade de mulheres com níveis salariais mais baixos, elevando-se o número daquelas possuem faixa salarial mais elevada.

A divisão sexual do trabalho, no mercado assalariado, revela, de acordo com Bruschini (1994), que as mulheres têm seu campo de atuação profissional centralizado no setor de prestação de serviços, ou seja, nos setores onde opera-se a preparação dos indivíduos para a produção. Alguns exemplos destes setores são de saúde, educação e administração pública.

Mas para Coelho (2002), o trabalho feminino não significa complementação de renda, mas representa para a mulher uma realização pessoal, sendo o momento em que ela é reconhecida e sente-se valorizada socialmente. O fato de a mulher sair de casa, buscar novos rumos que não uma vida dedicada ao afazeres domésticos, significa sem dúvida um grande salto qualitativo para a vida de todas. Ao se inserir no mercado de trabalho, a mulher se insere também em um novo conjunto de relações sociais antes por ela desconhecido. São novos ciclos de convivência, de amizades, de conflitos e de tudo aquilo que faz parte da complexidade e multiplicidade de fatores que formam o ser humano.

As pesquisas, segundo Bruschini (1994), mostram menos atividades das mulheres de baixa renda, e analisa que isto se dá devido à informalidade das atividades exercidas por elas, uma vez que não aparecem nos estudos e estatísticas. Com relação ao nível educacional, a autora diz que nos anos 1980 e 1990 as mulheres, casadas ou solteiras, que possuem mais estudos foram as que trabalhavam em atividades mais gratificantes e melhor remunerados que compensam sua ausência no lar.

Segundo a autora, a mulher nos anos 1980 e 1990 ocupou atividades do setor terciário e de prestação de serviços, sendo algumas na administração pública. Mesmo assim ainda é grande a quantidade de mulheres que trabalham no setor informal realizando atividades domiciliares como manicura, costureira, na fabricação de doces e principalmente

no trabalho doméstico. Hirata e Kergoat (1994) chamam estas atividades de subempregos por serem mal remuneradas e pela ausência de garantias trabalhistas.

Ainda neste mesmo período Bruschini (1994), notou que há segregação entre trabalho de homem e trabalho de mulher, sendo que

[...] uma das mais graves conseqüências do estreito leque ocupacional disponível para as trabalhadoras seja o rebaixamento dos seus salários. Na medida em que a procura de mão-de-obra feminina se restringe a um pequeno número de empregos, enquanto a oferta de trabalhadoras tende a crescer, aos salários femininos continuam a ser proporcionalmente menores do que os dos homens porque há grande quantidade de mão-de-obra concentrada em pequeno número de trabalhos de mulher, que por sua vez são de menor prestígio, porque refletem a posição do sexo feminino na sociedade. (BRUSCHINI, 1994, p. 193).

A desigualdade salarial que persiste no setor formal é acentuada. Os homens ganham significativamente mais do que as mulheres com mesmo cargo ou função e quando falamos em atividades majoritariamente femininas a disparidade salarial é ainda maior. Além da segregação ocupacional, outros fatores, segundo a autora, são relevantes para o rebaixamento salarial das mulheres sendo eles a dificuldade de exercer cargos de chefia e supervisão devido aos boicotes e a discriminação; e o baixo nível de sindicalização que se deve ao fato de que o terceiro setor não encontra-se na esfera da produção e sim da prestação de serviços o qual iniciou suas atividades a pouco tempo.

Segundo Coelho (2002) apesar das constantes alterações que perpassam o cotidiano doméstico das famílias, os homens ainda possuem restrições em trabalhar com as transformações processadas no âmbito individual e coletivo da “[...] igualdade de direitos, [e] quanto a mudanças em seus papéis tradicionais.” (COELHO, 2002, p. 72).

1.2.1 As influências da família no trabalho da mulher

Apresentar um subitem, referente à família mostrou-se necessário, a partir do momento em que durante a investigação, nas fichas cadastrais das usuárias do centro Comunitário e Social Dorcas, aparecem uma variedade muito grande de composições familiares. Considerando o que autoras Bruschini (1994) e Coelho (2002) colocam sobre as influências do contexto familiar, na inserção e permanência da mulher no mercado de

trabalho, seguem algumas considerações referentes à família da mulher trabalhadora assalariada, mãe e dona de casa. Para Coelho (2002)

“[...] as mulheres são destacadas em todos os estudos de família como propulsoras de mudanças neste espaço [...] O ingresso feminino no mercado de trabalho mantém-se como o fator mais importante relacionado a essas mudanças e, apesar das sucessivas crises econômicas e da reestruturação do trabalho, não houve diminuição da força de trabalho feminina, ao contrário, as mulheres estão entrando e permanecendo cada vez mais no mercado de trabalho. [...]. (COELHO, 2002, p. 64-65).

A Lei Orgânica da Assistência Social⁴, diz que o objetivo da assistência social é proteger e amparar crianças, adolescentes, famílias, idosos e portadores de necessidades especiais, bem como integrá-los ao mercado de trabalho e a vida comunitária. Neste trabalho, é de fundamental importância que haja uma abordagem, mesmo que sucinta, referente à matricialidade sociofamiliar, expressa na Política Nacional de Assistência Social – PNAS – já que os programas e projetos desenvolvidos no Centro Comunitário e Social Dorcas têm como um de seus objetivos, o fortalecimento dos laços familiares e também pelo fato de que a entidade presta atendimento, direto e indireto as famílias de suas usuárias.

De acordo com esta Política,

A família, independentemente dos formatos ou modelos que assume, é mediadora das relações entre os sujeitos e a coletividade, delimitando, continuamente, os deslocamentos entre o público e o privado, bem como geradora de modalidades comunitárias de vida. [...] ela se caracteriza como um espaço contraditório, cuja dinâmica cotidiana de convivência é marcada por conflitos e geralmente, também, por desigualdades, além de que nas sociedades capitalistas a família é fundamental no âmbito da proteção social. (CNAS, 2004, p.35).

Ou seja, a família independente de sua forma ou estrutura deve ser amparada, pois, este é o primeiro espaço de socialização de seus membros e destes com a sociedade. Sendo por vezes um espaço conflituoso e contraditório de convivência. Neste sentido, faz-se necessário ressaltar, que ao longo dos anos houve diversas mudanças no padrão das famílias brasileiras que se devem às transformações sociais e econômicas que sucederam historicamente. Isto alterou a clássica composição familiar de pai, mãe e filhos. Atualmente “[...] podemos dizer que estamos diante de uma família quando encontramos um conjunto de

⁴ Lei nº. 8.742 de 7 de dezembro de 1993, LOAS.

pessoas que se acham unidas por laços consangüíneos, afetivos e, ou, de solidariedade. [...]” (CNAS, 2004, p.35). Novos e variados tipos de composição familiar tem se tornado comum nos últimos anos, devido ao acirramento da pobreza da classe trabalhadora e também, da chegada do divórcio, da união entre homossexuais, que modificou a noção de casamento.

Carloto (2006) diz que os programas de desenvolvimento e de diminuição da pobreza têm como objeto de ação as famílias, sendo sua proposta transferir responsabilidades, que deveriam ser assumidas pelo Estado, às famílias como, por exemplo, o caso de desemprego.

Os programas de transferência de renda colocam a mulher, mãe, como responsável pelo recebimento dos auxílios por acreditarem que as mulheres são mais confiáveis que os homens, e que, portanto usariam este dinheiro com mais responsabilidade, empregando-o, basicamente, com a casa e com os filhos que são preocupação central das mães.

De acordo com a autora, atualmente, a mulher tem um papel central na manutenção econômica da família, esteja ela ou não acompanhada pelo companheiro. Mesmo assim, ela continua sendo responsável pelas atividades domésticas, ou seja, a presença do companheiro, não reduz sua responsabilidade sobre o trabalho doméstico nem sobre o cuidado com os filhos, nem facilita seu acesso à qualificação profissional e a escolaridade. Sem contar

[...] no caso das mulheres chefes de família: o nível de escolaridade é baixo e o analfabetismo; a falta de qualificação para as exigências de mercado; o trabalho informal em ocupações realizadas em condições precárias, mal pagas e sem vínculo trabalhista, o que aumenta ainda mais a vulnerabilidade, já que não contam com nenhuma proteção previdenciária e indicam uma velhice sem recursos e benefícios voltados para garantir uma vida digna. (CARLOTO, 2006, p. 146-147)

Por outro lado a autora diz que estes fatores associados a falta de uma rede de proteção impede que estas mulheres saiam desta situação, tornando-se cada vez mais dependente dos auxílios promovidos pelas políticas de assistência.

Neste sentido a autora coloca que, para se diminuir a pobreza e a opressão de classe, de gênero e também de raça (que neste trabalho não foi explorada), faz-se necessário desvendar quem é este público, em que locais ele está e quais são suas necessidades.

1.3 DESEMPREGO E TRABALHO INFORMAL

Este subitem não terá uma abordagem profunda e detalhada sobre este tema, pois o foco de análise são as mulheres que estão trabalhando formal ou informalmente. Porém foi necessário tocar neste assunto porque o companheiro desta mulher trabalhadora está ou esteve desempregado, portanto considerou-se importante retomar algumas considerações referentes a este assunto.

Alves (2005) diz que o capitalismo tem se tornado mais complexo nos últimos anos, sendo seu principal reflexo o aumento exagerado do desemprego. “O desemprego expressão concreta da crise do projeto societário burguês de produção de mercadorias têm relação direta nas esferas primária, secundária e terciária, ganhando ênfase, dentro do setor terciário nas últimas décadas. [...]” (ALVES, 2005, p.21). Deste modo, percebe-se que as transformações que ocorreram na sociedade, no decorrer dos anos, colocam como ponto principal a ser debatido e trabalhado, as expressões da “questão social”, dentre elas o desemprego, o qual tem se tornado, a partir do acirramento do processo de acumulação capitalista, o princípio de várias outras expressões da “questão social”.

A “questão social” é resultado de escolhas/ decisões políticas. Ao dar visibilidade às desigualdades, às denúncias de que “alguns” estão sendo privados de bens materiais os quais permitem a dignidade da vida humana, efetivamente vai forçar a sociedade a propor alternativas para lidar com as “ameaças” de ruptura dos elos de coesão social. Porém deve-se salientar que estas propostas são para lidar com a ameaça e não para acabar com a sua causa. Para Netto (2001) a “questão social” é o nome atribuído a resultante do aprofundamento do pauperismo a partir da metade do século XIX.

De acordo com Alves (2005) na década a partir da década de 1970 fica explícito que “[...] o desemprego é expressão máxima da relação contraditória e antagônica estabelecida entre capital e trabalho. Os trabalhadores empregados passaram a viver e processo de incerteza todos os dias. [...]” (p. 21). Ou seja, o desemprego tornou-se algo aterrorizante no cotidiano dos trabalhadores mesmo daqueles que estavam empregados.

Soma-se a este fenômeno a intensificação do avanço tecnológico, que é benéfico ao trabalhador na medida em que com a introdução de máquinas no processo de produção, a atividade do trabalhador torna-se menos cansativa, menos desgastante fisicamente, porém, por outro lado, ao adotar equipamentos que fazem as mesmas atividades que o homem, faz com

que se reduza a mão de obra necessária à produção, porque uma máquina realiza o trabalho de várias pessoas. Se somarmos este fato ao crescimento populacional, sem controle e a quantidade de pessoas desempregadas por outros motivos temos então o montante total de desempregados.

Alves (2005) diz ainda que, na medida em que as pessoas são, mesmo que indiretamente, forçados a vender força de trabalho diariamente, as vidas são reduzidas ao trabalho. Ou seja, à produção e à preparação para o trabalho, ou seja, o trabalhador da era capitalista é apenas trabalho, ele não tem tempo ou condições de manifestar sua subjetividade, sua individualidade, ele é apenas mais uma peça de engrenagem da grande máquina de acumulação de riquezas socialmente produzidas que é o capitalismo.

A informalidade, ou seja, o trabalho informal aparece então como uma saída ao desemprego, como uma oportunidade de conseguir alguma renda para suprir, mesmo que minimamente, as necessidades do estômago.

De acordo com Lira (2002) o trabalho informal está ligado a atividades onde as relações trabalhistas não obedecem à legislação em vigor. E quando nos referimos a fiscalização, estas atividades são caracterizadas por serem ilegais, “[...], pois, estão a margem do sistema tributário.” (LIRA, 2002, p.143).

A autora nos revela que a diversidade de trabalhos informais é tanta, que podemos encontrar atividades com elevado nível de renda (que obviamente são pouquíssimos casos), até aqueles cuja renda não dá conta nem de suprir as necessidades mais essenciais da família. Assim, como a diversidade de renda, há também uma grande variedade quanto ao nível de instrução destes trabalhadores, embora ainda haja a predominância de pessoas com baixo nível de instrução e qualificação. Outra característica notável deste grupo de trabalhadores é que, assim como os assalariados formais, há uma parcela de trabalhadores informais trabalhando na esfera da produção, como por exemplo, empreiteiros estes recebem pelo que produzem, assim como há autônomos trabalhando na prestação de serviços, ou seja, nos considerados trabalhos improdutivos⁵, mas que direta e indiretamente contribuem para a produção e para acumulação.

A inserção de trabalhadores no mercado de trabalho é algo que depende do movimento de desenvolvimento do capital, o qual, mediante avanço tecnológico limita cada

⁵ Trabalho Improdutivo segundo Netto (2006) *apud* Mendel (1998), a atividade de um médico, por exemplo, é útil e necessária a sociedade, porém ela não produz um valor de uso, portanto trata-se de trabalho improdutivo, já a produção de drogas e revistas pornográficas apesar de inúteis, o trabalho investido nestes objetos é trabalho produtivo.

vez mais o acesso de mão de obra à produção. Desta forma, aqueles que não estão inseridos na produção ou na reprodução do capital, constituem a parcela da população desempregada.

Segundo a autora a flexibilização do trabalho que emprega atividades formais e informais, bem como os trabalhos autônomos e por conta própria, auxiliam na redução dos custos do produto final, contribuindo também com acirramento da exploração do trabalhador e com o aumento da mais-valia concentrada nas mãos dos capitalistas.

Se a informalidade foi e continua sendo uma estratégia do capital para maximizar a acumulação, seu impacto sobre a classe trabalhadora, significa o aprofundamento das desigualdades sociais e conseqüente minimização de recursos necessários à manutenção da reprodução dos trabalhadores.

1.4 METODOLOGIA

Após leitura e fichamento de textos selecionados, o passo seguinte foi verificar no Centro Comunitário e Social Dorcas, a possibilidade de realização de uma pesquisa empírica, por meio da entrevista com as mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas. Posteriormente, foi realizado uma pesquisa documental nos cadastros das usuárias da entidade – crianças e adolescentes com faixa etária entre 06 e 17 anos do sexo feminino – a fim de identificar as mulheres que caracterizam o perfil a ser investigado. A pesquisa documental é aquela onde

[...] tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO,2007, p.122-123).

O perfil das entrevistadas refere-se a mulheres, que trabalham como assalariadas, mães e estão com o companheiro desempregado. O passo seguinte foi sistematizar as informações contidas nas fichas cadastrais e estabelecer contato com as mulheres que foram, posteriormente, entrevistadas. Pretendendo-se com este procedimento responder a questão central deste trabalho que é: *Quais são as implicações das jornadas de trabalho na vida da mulher, mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas?* Bem como atender ao

objetivos geral e específicos desta investigação, sendo eles: verificar quais são as jornadas de trabalho da mulher mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas; conhecer quais são os trabalhos realizados pelas mulheres dentro e fora de casa; e conhecer como se dá a divisão sexual do trabalho e a organização da renda no contexto da composição familiar.

O método de acordo com Gil (1999) consiste em um conjunto de procedimentos técnicos adotados para se chegar ao conhecimento, ou seja, “é o caminho para se chegar a determinado fim” (Gil, 1999, p.26). Sendo assim o método adotado para a realização desta pesquisa foi o dialético, pois, este [...] “fornece bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.”(Gil,1999, p.32). Dentro desta perspectiva, no momento da análise das entrevistas, este método nos remete a uma visão que considera o contexto social, cultural e econômico em que esta mulher está inserida em sua vida cotidiana.

Este trabalho terá uma abordagem qualitativa, pois, ela

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade [...] o sujeito observador [...] interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2001, p.79).

As informações uma pesquisa qualitativa, de acordo com Chizzotti (2001), são analisados dentro de um contexto de relações sociais que o deixa em constante movimento, considerando que não há acontecimentos fixos. Este processo está presente nesta investigação na medida em que, ocorreram dois contatos com as entrevistadas. No primeiro contato verificou-se a condição da mulher trabalhadora assalariada, que também é dona de casa, e que, é nesta circunstância a única provedora do sustento material familiar, já que seu companheiro está desempregado (observando que estas foram informações colhidas nas fichas cadastrais no mês de fevereiro do ano 2008). Já o segundo contato, teve a finalidade apreender quais alterações se procederam, no cotidiano destas mulheres desde o preenchimento do cadastro, aos dias atuais (entrevistas realizadas em setembro de 2008).

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa do tipo exploratória, pois, esta tem como objetivo “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 1989, p.45). Segundo o autor este tipo de pesquisa

tem um planejamento mais flexível e em alguns casos assume a forma de estudo de caso ou de pesquisa bibliográfica.

A entrevista é de acordo com Gil (1999), uma técnica onde o pesquisador formula perguntas com o objetivo de colher dados do entrevistado, necessários à investigação [...] “é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 1999 p. 117). Segundo Minayo (1994) entrevista é uma das técnicas que podem ser utilizadas tanto na pesquisa de campo quanto na pesquisa complementar de dados: “Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” (Minayo, 1994. p. 57).

A entrevista será realizada mediante a utilização de um formulário que “[...] em geral [é] usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa.” (LAKATOS; MARCONI, 1999, p.114). Mediante o emprego do formulário como instrumento de pesquisa, tem-se uma flexibilidade maior no momento de questionar as entrevistadas, sendo que no ato da entrevista, ao perceber a necessidade de perguntar algo que não foi previamente descrito, há a possibilidade de inserir esta (as) nova (as) questão no formulário, observando a relevância das mesmas para responder a questão central da investigação.

Foram levantadas as informações de 151 fichas cadastrais, no Centro Comunitário e Social Dorcas, a fim de uma breve caracterização das famílias atendidas pela entidade e a seleção das mulheres a serem entrevistadas.

Em primeiro momento se buscou nas fichas cadastrais, quais as mulheres com o perfil a ser investigado (mulheres, mães, trabalhadoras assalariadas, que estão com o companheiro desempregado). Realizado este processo, se teve como resultado a quantidade de 6 mulheres, que caracterizam a população da pesquisa que é “[...] o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”. (LAKATOS; MARCONI, 1985, p.109). Estas seis mulheres, no momento da realização do cadastro, estavam na situação acima mencionada. O passo seguinte foi a identificação destas mulheres com nome, idade, endereço, telefone, quem eram suas filhas, para que posteriormente fosse possível entrar em contato com elas. Na seqüência, estas mães, foram convidadas a participar de uma reunião na entidade para que fosse esclarecido em conjunto, o que se tratava o presente trabalho e consultá-las sobre sua participação ou não nesta investigação. Também se desejava confirmar os endereços e telefones que estavam nas fichas. Nesta reunião apenas uma potencial entrevistada compareceu, sendo que com esta, foi marcado o dia e hora para a entrevista. Com as demais mães o processo foi diferenciado, o

contato com elas foi pelo telefone, agendando um dia e horário para uma visita, a fim de explicar a pesquisa bem como sua finalidade e realizar a entrevista, se possível. Cinco aceitaram serem entrevistadas, sendo que as informações obtidas com as entrevistas serão analisadas posteriormente. Sendo que após várias tentativas, não foi possível encontrar a sexta mulher, sujeito desta pesquisa em sua residência. Os contatos telefônicos falharam, então, trabalhou-se com a amostra não-probabilística, que Gil (1999) define como uma modalidade tipo de amostragem que não necessita apresentar fundamentação matemática ou estatística que é geralmente utilizada em abordagens qualitativas, de cinco mulheres, que representa 83% do total identificado.

No próximo capítulo deste trabalho, trataremos da análise das informações observadas nas fichas cadastrais das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas, bem como o conteúdo das entrevistas realizadas com as mulheres.

2 CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS: CAMPO DE ESTÁGIO E LOCAL DA INVESTIGAÇÃO

2.1 CONHECENDO O CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS

O Centro Comunitário e Social Dorcas, de acordo com o Relatório de Atividades (1996), foi fundado no ano de 1991, por membros da Congregação Cristo Redentor, filiada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Inicialmente esta entidade atendia na sede da igreja, situada no centro do município de Toledo, adolescentes grávidas, mães solteiras que não tinham apoio familiar e estavam passando dificuldades materiais. Pelo fato deste atendimento estar situado no centro do município e as usuárias residirem na periferia, os responsáveis por tal atendimento perceberam a necessidade de que o mesmo fosse realizado em local mais próximo de suas casas, para facilitar o acesso das mesmas. A partir deste pensamento entraram em contato com a Prefeitura Municipal e no ano de 1995 conseguiram a doação de um terreno situado na Vila Pioneira. Após a construção do prédio, a entidade no ano seguinte, começou suas atividades de Casa de Meninas, que atendia na época cerca de 38 adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos. Hoje, após ampliação de sua estrutura, atende mais de 180 crianças e adolescentes do sexo feminino, em sua maioria de baixa renda, que residem nas imediações do bairro supra citado.

No ano de 2003 instalou-se no jardim Coopagro, a Unidade 2 do Centro Comunitário e Social Dorcas e iniciou suas atividades com atendimento misto, nos períodos matutino e vespertino atuando em sistema de contra-turno escolar, ou seja, proporcionando atividades complementares as oferecidas na escola, sendo estas realizadas em horário oposto ao de aula. De acordo com o Relatório Atividades (2006) foram atendidas cerca de 500 crianças com idade de 06 a 17 anos, nas duas unidades, a do Jardim Coopagro (Unidade II) e da Vila Pioneira (Unidade I).

O trabalho aqui apresentado foi realizado com referências apenas na Unidade I, situado na vila Pioneira onde se realizou o Estágio Curricular nos anos de 2007 e 2008, sendo o último, o ano de referência para o estudo que se apresenta.

Em observação no campo de estágio, vê-se que as crianças que frequentam a entidade, participam de atividades como a complementação e reforço das atividades escolares até atividades culturais, lúdicas, de esporte, e de informática. Na Unidade I estão se

processando os programas Jornada Ampliado, Projeto Família Feliz e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI.

O programa Jornada Ampliada, segundo o relatório de atividades (2006), oportuniza atendimento de contra turno escolar a crianças e adolescentes com idades entre 06 e 17 anos, consideradas em situação de vulnerabilidade social, sendo esta entendida como “uma combinação entre elementos de privação socioeconômica e características demográficas das famílias” (MARQUES, 2004, p. 6). As atividades promovidas por tal projeto são de orientação de estudos escolares, atividades de iniciação ao trabalho observando os preceitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – e da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Busca-se com estas atividades fortalecer laços entre família, criança e escola para a resolução e prevenção de possíveis problemas e/ou dificuldades.

O projeto Família Feliz corresponde ao atendimento prestado à família das usuárias da entidade, onde é realizado mensalmente atividades de palestras, cursos, campanhas de mobilizações e reuniões, com o objetivo de propiciar orientação individual e de grupo às famílias, que auxiliam no fortalecimento do grupo familiar como um todo.

O programa PETI, do governo federal, é desenvolvido dentro desta entidade, na medida em que a mesma presta o serviço de contra-turno escolar a crianças e adolescentes, que encontram-se em situação considerada de risco ao trabalho infantil. Este projeto tem oportunizado atividades de teatro, música, e orientação sócio-educativa e profissional.

É neste cenário, que no corrente ano, durante a realização de cadastramento e recadastramento de usuárias da entidade, se percebeu que haviam muitas famílias chefiadas por mulheres. O que realmente chamou a atenção para uma investigação, foi o fato de haver mulheres que trabalhavam fora de casa, de forma assalariada e, dentro de casa, o que caracteriza o trabalho doméstico, ainda cuidavam dos filhos e estavam naquele momento com o companheiro desempregado. Isso intrigou a investigadora, a saber, um pouco mais sobre a vida cotidiana destas mulheres que possuem diversas jornadas de trabalho, e que já estão sobrecarregadas com tantas atividades e responsabilidades. Como se verá, no desenvolvimento desta investigação, verificou-se que estas mulheres realizam a tripla jornada de trabalho: como assalariadas, “donas de casa” e mães.

2.2 UM ESTUDO COM AS MÃES DAS USUÁRIAS DO CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS

Do levantamento realizado com 151 fichas cadastrais, houve seis em que as mulheres, mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas, atendiam ao perfil a ser investigado, qual seja a mulher trabalhadora assalariada, que está com o companheiro desempregado e tem filhas usuárias da entidade. Com base nos dados de tais fichas, foi possível realizar um breve levantamento do perfil da família das usuárias da entidade, bem como destas seis mulheres que são foco desta investigação. Mas estas são informações que serão abordadas posteriormente.

Durante o período de estágio curricular, no Centro Comunitário e Social Dorcas, na Unidade 1 – Vila Pioneira, na realização de cadastramento e recadastramento das usuárias da entidade para o ano de 2008, percebeu-se que haviam muitas situações em que a mãe, era a única provedora do sustento familiar, e que algumas destas mulheres estavam com o companheiro⁶ desempregado. Definiu-se investigar com estas mulheres, quais são os reflexos de sua tripla jornada de trabalho, levando-se em consideração a carga extra de responsabilidade que ela assume, a partir do momento em que seu companheiro não se encontra trabalhando e que, portanto, todos os gastos da família devem ser mantidos, exclusivamente, por ela.

Assim no ponto 2.2.2 deste trabalho será possível visualizar, dentro das cinco questões analisadas, as respostas fornecidas pelas entrevistadas referente as suas jornadas de trabalho e a participação do companheiro da divisão do trabalho doméstico.

2.2.1 Sistematização das informações das fichas cadastrais

Estas informações foram retiradas das fichas cadastrais do Centro Comunitário e Social Dorcas no ano de 2008. Estas serviram de base para a posterior investigação, a qual será realizada com as mulheres com perfil mencionado, qual seja, a trabalhadoras assalariadas, que tem seus companheiros desempregados.

No que diz respeito a composição familiar, observamos no quadro 1, que entre as 151 famílias usuárias da entidade, em primeiro lugar, a família composta por pai, mãe e filhos sendo que haviam nesta ocasião 70 famílias com esta composição. Em segundo lugar temos 34 famílias de composição monoparental feminina, ou seja, aquela composta por mãe e filhos. Em terceiro lugar as famílias composta por mãe, padrasto e filhos sendo que 10

⁶ Optou-se por utilizar este termo, por compreender que o mesmo abrange as uniões formais e informais, mas que também resultam em um grupo familiar.

possuem este perfil. E em quarto lugar temos a família composta por mãe, filhos e avós maternos (sempre avós correspondem ao plural de avô e avó), com 9 famílias.

Não se pode deixar de observar neste quadro a variedade de composições familiares, mas como já dito, apesar desta diversificação temos em um terço dos casos, ou seja, 34 famílias, onde a mulher é a provedora e/ou principal responsável pelo sustento da família. Esta afirmação pode se estender se observado que em 9 famílias os avós maternos residem junto a filha e netos. Se estes avós contribuem com a renda familiar, no caso deles estarem trabalhando de forma assalariada ou terem aposentadoria, a mulher não será a provedora única do sustento familiar. Caso estes avós não sejam aposentados ou trabalhadores assalariados, a mãe da usuária da entidade, é a responsável pela renda da família. Sem contar aquelas que não aparecem neste quadro, mas são o público alvo desta investigação, pois, pelo quadro da composição familiar elas aparecem junto as famílias compostas por pai, mãe e filhos, desta forma apesar de contarem com a presença do companheiro, o mesmo encontra-se em situação de desemprego, e portanto, a responsabilidade de suprir as necessidades da família recaem, quase que exclusivamente, sobre a mulher.

QUADRO 1 – COMPOSIÇÃO FAMILIAR

Composição	Nº. de famílias
Mãe / pai / filhos / avós maternos	1
Mãe / padrasto / filhos / avós p.	1
Mãe /padrasto / filhos	10
Mãe / filhos	34
Pai / filhos	2
Pai / madrasta / filhos	4
Pai / mãe / filhos	70
Netos / avós maternos	3
Netos / avós paternos	3
Mãe / filhos / avós maternos / tio (a)	3
Mãe / filhos / avós maternos	9
Mãe / padrasto / filhos / tio (a)	1
Mãe / filhos / tio (a)	1
Pai / mãe / filhos / tio (a)	1
Pai / mãe / filhos / netos	2
Mãe / filhos / avós maternos / tio (a) / primos	3
Sem ficha	3
Total	151

Fonte: Fichas cadastrais 2008 do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

No quadro 2 apresenta-se um demonstrativo de renda familiar, disposta da seguinte forma: renda e parentesco (em relação as usuárias da entidade). Percebe-se que havia

nesta ocasião 42 mães/ madrastas desempregadas, que aparece em primeiro lugar. Um número expressivo se comparado ao de pais/ padrastos em mesma situação que situa-se em quarto lugar com apenas 12. Em segundo lugar se apresenta 36 mães/ madrastas que tem renda entre 401 e 600 reais, seguida de 21 com renda entre 201 e 400 reais e na quarta posição temos 14 mães/ madrastas que possuem renda de até 200 reais. Entre os pais/ padrastos em primeiro lugar, estão aqueles que ganham entre 401 e 600 reais, sendo este grupo formado por 36 pessoas; em seguida temos 21 pais/ padrastos com renda mensal entre 201 e 400 reais, e em terceiro lugar temos 16 pais/ padrastos com renda entre 601 e 800 reais, sendo que esta faixa salarial entre as mulheres atinge apenas 5 de todas as mães e madrastas cadastradas pela entidade.

Este quadro nos revela ainda que nenhum avô/avó seja ele paterno ou materno, possui remuneração maior que 800 reais e que, nas famílias que possuem outros parentes residindo na mesma casa (tios, tias, primos ou primas), estes em sua maioria, 6 tem remuneração de até 200 reais. Isto pode significar, que estas pessoas vivam em uma situação em que eles não têm condições financeiras de morar sozinho, e por isso residem com outros parentes.

Podemos observar também com a investigação, que os salários entre 201 e 600 reais, há uma semelhança na quantidade de homens e mulheres com a mesma média salarial. Isto se deve ao fato de que esta faixa de renda é pago aos funcionários de indústrias presentes no município e por isso não tem diferenciação entre homens e mulheres, pois a remuneração é a mesma para pessoas que ocupem mesmo cargo ou função. A renda entre homens e mulheres se distancia significativamente quando nos referimos à salários superiores a 600 reais onde se tem 22 homens e 6 mulheres. Entretanto como não foi possível, por indisponibilidade de informação, realizar um levantamento sobre a escolaridade dos membros das famílias cadastradas, não foi possível realizar um comparativo com relação ao nível de escolaridade de homens e mulheres mencionados neste trabalho.

Outro fato interessante é o maior o numero de mulheres do que de homens com salários inferiores a 200 reais.

QUADRO 2 – SALÁRIO

Renda (R\$)	Pai /padrasto	Mãe /madrasta	Avós maternos	Avós paternos	Outros
Até 200	3	14	2	0	6
De 201 a 400	21	21	7	1	2
De 401 a 600	36	36	3	2	3

De 601 a 800	16	5	0	1	0
De 801 a 1.000	4	0	0	0	1
Acima de 1.000	2	1	0	0	0
Não informou	6	18	0	0	1
Desempregado (a)	12	42	0	0	0

Fonte: Fichas cadastrais 2008 do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

O quadro 3 apresenta um demonstrativo de renda total familiar. Tem-se a partir do levantamento, em destaque 64 famílias com renda de até dois salários mínimos; em segundo lugar 38 famílias com renda mensal de até 415 reais; em terceiro lugar 18 famílias com renda entre 830 e 1.245 reais. Desta forma, é possível perceber que a maioria das famílias atendidas pela entidade são de baixa renda, sendo este grande bloco formado por 102 famílias ou 67,54% com renda total familiar inferior a 2 salários mínimos. Observa-se neste mesmo quadro, que haviam 14 famílias que declararam não possuir renda alguma, isto se deve ao fato de que há famílias em que a provedora é a mulher (a mãe) e a mesma encontra-se desempregada, e em outros casos, tanto o pai quanto a mãe estão desempregados, por isso a ausência de renda destas famílias. Há situações ainda onde apesar de estar trabalhando, o pai e /ou a mãe trocam o seu trabalho por alimento, sendo que, o dinheiro propriamente dito não passa pelas mãos dos membros destas famílias. Somando então as famílias que tem renda inferior a dois salários mínimos à aquelas que não tem renda, se tem que 76,82% das famílias atendidas pela Entidade não tem mais que dois salários mínimos de renda familiar.

QUADRO 3 – RENDA FAMILIAR

Renda (R\$)	N.º de famílias
Até 415	38
De 416 a 830	64
De 831 a 1.245	18
De 1.246 a 1.660	7
Acima de 1.660	3
Sem renda	14
Não informou	4
Sem ficha	3
Total	151

Fonte: Fichas cadastrais 2008 do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade Vila I Pioneira

Finalizando o Quadro 4 mostra a quantidade de pessoas de uma mesma família que estão trabalhando formal ou informalmente, e contribuem de alguma forma com a renda da família. Desta maneira, o Quadro 4 apresenta as seguintes informações: na primeira posição, aparecem 68 famílias que possuem apenas uma pessoa trabalhando; em seguida 50

famílias que possuem duas pessoas no mercado de trabalho e, na terceira colocação haviam 27 famílias em que nenhuma pessoa está trabalhando. Não ter nenhuma pessoa trabalhando, não significa estar sem renda, uma vez que há famílias que sobrevivem da aposentadoria dos avós, de pensão alimentícia dos filhos e também que recebem bolsas e auxílios.

QUADRO 4 – QUANTIDADE DE PESSOAS TRABALHANDO POR FAMÍLIA

Nº de pessoas	N.º de famílias
Nenhuma pessoa	27
1 pessoa	68
2 pessoas	50
3 pessoas	3
Sem ficha	3
Total	151

Fonte: Fichas cadastrais 2008 do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade Vila I Pioneira

2.2.2 Análise das entrevistas

Do roteiro de entrevistas foram estabelecidas cinco questões para análise, por se considerar que tais questões mostram-se suficientes para responder ao questionamento central deste trabalho, que é quais são as implicações das jornadas de trabalho na vida da mulher, mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas.

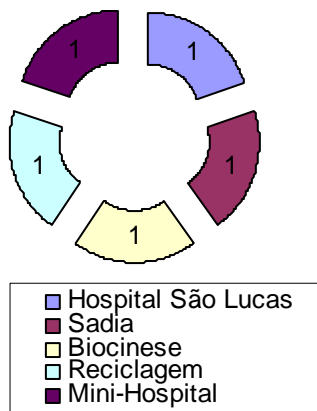
No primeiro contato realizado com as mulheres, serviu para descrever o cotidiano das entrevistadas, no período que antecedeu o preenchimento da ficha cadastral, onde as mesmas declararam estar trabalhando, e seu companheiro estava desempregado.

Quando questionadas sobre seu local de trabalho, salário e contrato de trabalho, a Mulher 1 respondeu que trabalhava no hospital São Lucas de Cascavel, ganhava 500 reais/mês e tinha a carteira assinada. A Mulher 2 respondeu que trabalhava na Sadia, sua remuneração na carteira é de 500 reais, mas segundo ela, após os descontos, recebe líquido 350 reais e também tem registro em carteira. A Mulher 3 relatou que trabalhava na Biocinese Centro de Estudos Biofarmacêuticos, recebia 480 reais, também registrada. A Mulher 4 era catadora de materiais recicláveis, e não recebia seu pagamento em dinheiro. Ao levar o material já devidamente separado ao local de venda, ela trocava todo o material que recolhia por alimento (cesta básica). A Mulher 5 trabalhava no Mini-hospital de Toledo, com salário de 432 reais, também com carteira assinada.

Com relação a esta questão podemos perceber que, com exceção da mulher 4, todas as demais possuíam registro em carteira, logo, tinham direitos trabalhistas garantidos,

como o décimo terceiro salário, férias remuneradas, licença maternidade, entre outros. O que nos chama atenção na Mulher 4 é que o dinheiro, mesmo que escasso, não passa pelas mãos desta trabalhadora. Ela não pode escolher nem quais alimentos irá consumir, já que recebe a cesta básica e consome o que nela está.

GRÁFICO 1 - LOCAL DE TRABALHO



Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

GRÁFICO 2 - REMUNERAÇÃO

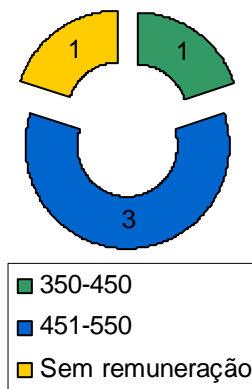


GRÁFICO 3 - CONTRATO DE TRABALHO



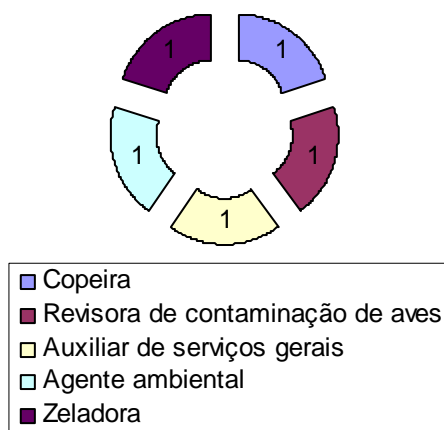
Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

Quando questionadas sobre que tipo de trabalho realizavam, a Mulher 1 respondeu que trabalhava como copeira, a Mulher 2 disse que atuava no setor de revisão de contaminação das aves, na empresa de abate e industrialização de alimentos de origem animal, a Mulher 3 relatou que era auxiliar de serviços gerais, a Mulher 4 trabalhava na reciclagem de materiais encontrados no lixo agente ambiental e a Mulher 5 era zeladora.

Podemos observar que 3 das mulheres entrevistadas estão realizando atividades assalariadas como zeladora e serviços gerais, que podem ser consideradas atribuições tradicionalmente realizadas em âmbito doméstico. Mesmo as duas que não realizam

atividades com esta característica, realizam atividades consideradas “leves” por exigirem menor força física para realização do mesmo. Como já colocou Paulilo (1987) as atividades realizadas por mulheres são consideradas leves, contudo, em quantidade de horas trabalhadas é a mesma que a do homem.

GRÁFICO 4 - ATIVIDADE QUE REALIZA

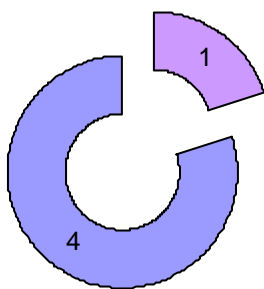


Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

Ao questioná-las sobre seu grau de escolaridade, se estudam ou estudaram, a Mulher 1 respondeu que concluiu o segundo grau e parou de estudar por que engravidou do primeiro filho(a), mas que pensa em retomar os estudos assim que for possível. A Mulher 2 relatou que estudou até a 6ª série, quando ainda era solteira, mas que pretende voltar a estudar, assim que tiver tempo, pois, as suas jornadas de trabalho dentro e fora de casa não permitem por enquanto. A Mulher 3 disse que parou na 7ª série, no supletivo, mas pretende retornar às salas de aula. A Mulher 4 parou de estudar na 2ª série do ensino fundamental, e disse que por enquanto não tem expectativas quanto a retomar os estudos, não só por causa do trabalho fora de casa, mas também dos filhos que ficam sob seus cuidados. A Mulher 5 estudou até a 8ª série e disse pretender voltar a estudar quando as filhas crescerem.

Percebemos que por causa de filhos, de casamento, horário de trabalho e outros motivos não mencionados, todas interromperam os estudos, sendo que apenas uma delas concluiu o segundo grau.

GRÁFICO 5 - ESCOLARIDADE



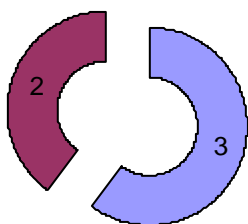
■ Ensino médio ■ Ensino fundamental

Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

No momento que foi perguntado a elas se o companheiro ajudava em casa, com o trabalho doméstico, a Mulher 1 disse que seu companheiro “*só não lavava roupa*”, o restante do serviço de casa (lavar a louça, limpar o chão e vidros, lavar banheiros e calçadas, fazer faxina, comida) ela fazia. A Mulher 2 relatou que seu companheiro não ajuda com o trabalho doméstico. A Mulher 3 disse que ele lavava a louça e limpava a casa, o restante, ela fazia. A Mulher 4 diz que ele apenas esquentava a comida na hora do almoço, comida esta que ela tinha feito na noite anterior, para que os filhos e o companheiro no dia seguinte tivessem comida para almoçar. E a Mulher 5 relata que ela faz o jantar e lava roupa, o restante do trabalho doméstico seu companheiro fazia.

Percebe-se então que 3 mulheres declararam que seu companheiro ajuda de alguma forma com o trabalho doméstico, mas percebemos que a mulher ainda é a principal responsável pela realização destas atividades na medida em que a maior parte das tarefas elas realizam.

GRÁFICO 6 - O COMPANHEIRO AJUDAVA COM O TRABALHO DOMÉSTICO



■ Sim ■ Não

Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

E por último ao perguntar se o companheiro ajuda a cuidar dos filhos, a Mulher 1 respondeu que ele cuidava das crianças enquanto eram bebês, agora que estão maiores, ele a auxilia na educação dos filhos(as). A Mulher 2, disse que o companheiro cuida da hora que os filhos saem de casa, da hora que chegam, verifica no caderno dos filhos se não há tarefas ou recados aos pais, ajuda na educação dos filhos, mas ela tem que dar remédio quando as crianças estão doentes, ela compra roupas, calçados, materiais escolares, ela faz a matrícula das crianças na escola e na entidade e também é ela que vai as reuniões. A Mulher 3 diz que ele ajuda apenas a educar os filhos e ficava em casa com as crianças enquanto ela trabalhava, mandava para escola, dava almoço e as colocava no banho. A Mulher 4 diz que ele ajudava apenas com a educação dos filhos, pois, até a comida ela tinha que fazer a noite, para que eles tivessem comida para almoçar no dia seguinte. E a Mulher 5 disse que ele ajuda apenas a educar os filhos, todo o restante ela tem que fazer.

O que se observou foi que mesmo nas situações que os companheiros contribuem com as responsabilidades que são comuns ao casal, como por exemplo, a educação dos filhos e a manutenção da casa, o fazem de forma complementar como se a responsabilidade de realizar estas tarefas fosse da mulher.

Partindo para o segundo contato com as entrevistadas, procurou-se identificar as mudanças ocorridas no cotidiano destas cinco mulheres, no período compreendido, entre o preenchimento do cadastro (fevereiro/2008) até as entrevistas (setembro/2008).

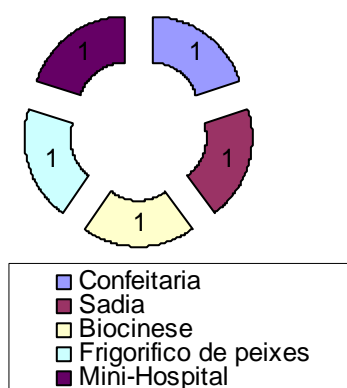
Na primeira pergunta, a Mulher 1, respondeu que agora trabalha em uma confeitaria, ganha um salário mínimo, ou seja, 415 reais e está em período de experiência⁷. A Mulher 2 continua trabalhando na Sadia com carteira assinada, na carteira de trabalho seu salário é de 500 reais, porém, como dito anteriormente, após descontos, leva para casa 350 reais. A Mulher 3 entrevistada também permanece trabalhando no mesmo local (Biocinese), seu salário subiu para 615 reais, permanece com a carteira assinada. A Mulher 4 está trabalhando em um frigorífico de peixes, seu salário é de 500 reais com carteira assinada. E a Mulher 5 permanece trabalhando no Mini-Hospital de Toledo, com carteira assinada, e sua remuneração continua sendo 432 reais.

Temos um resultado que duas mulheres permaneceram com respostas iguais as do primeiro momento, duas tiveram aumento de salário na mesma empresa; uma mudou o local

⁷ Período de 3 meses que antecede o momento em que o empregador registra o funcionário, assinando sua Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS.

de trabalho, mas a média salarial ainda é o mínimo; uma teve uma melhora salarial importante, levando-se em consideração que antes ela não recebia seu pagamento em dinheiro e agora além de salário, ela possui registro em carteira, o que contribui para ela como registro de experiência profissional e também em tempo de pagamento de INSS. Percebe-se também que apesar das melhoras, como a formalidade dos contratos, que é significativo na vida destas mulheres e de suas famílias, os salários pagos às mulheres ainda são baixos.

GRÁFICO 7 - LOCAL DE TRABALHO



Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

GRÁFICO 8 - REMUNERAÇÃO

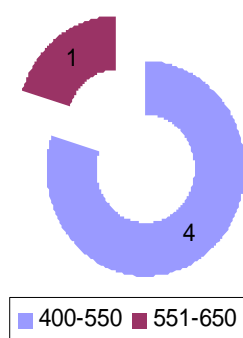
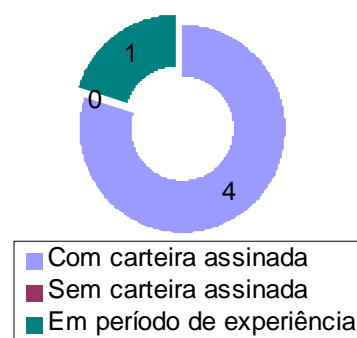


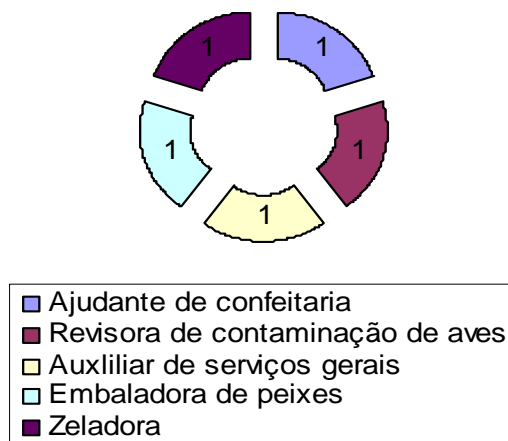
GRÁFICO 9 - CONTRATO DE TRABALHO



Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

Com relação a segunda questão a Mulher 1 agora trabalha como ajudante de confeitaria, a Mulher 2 continua trabalhando na revisão de contaminação de aves, a Mulher 3 permanece com a mesma função, a Mulher 4 é embaladora de peixes e a Mulher 5 permanece na função de zeladora. Podemos observar que todas elas ocupam as atividades consideradas “leves”, caracterizadas como aquelas atividades que exigem menor força física, mas que ocupam a mesma carga horária que as demais atividades.

GRÁFICO 10 - ATIVIDADE QUE EXERCE

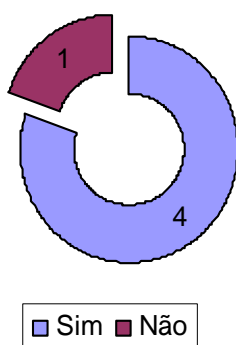


Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

A escolaridade das entrevistadas permanece a mesma, nenhuma delas retomou as atividades escolares durante o período mencionado, ou seja, nenhuma estuda.

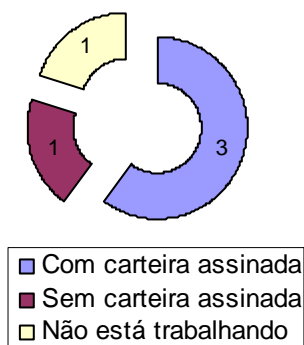
Um fato importante e que não pode passar despercebido, é que o companheiro de quatro entrevistadas estão, agora, trabalhando, sendo 3 com carteira assinada e um trabalha informalmente. Apenas um companheiro continua desempregado, nesta situação é por que ele há alguns anos, ele sofreu um acidente e teve que colocar platina em uma das pernas, além de ficar com seqüelas outras. Por este motivo ele não consegue mais trabalhar nas funções as quais se propõe e as quais ele é qualificado. Mesmo no caso de trabalhos informais, ele não consegue se manter por muitos dias, pois, sente dores constantes na perna com platina.

GRÁFICO 11 - COMPANHEIRO ESTÁ TRABALHANDO



Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

GRÁFICO 12 – CONTRATO DE TRABALHO DO COMPANHEIRO

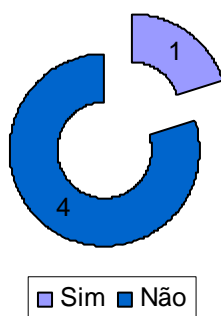


Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

Podemos perceber então que a situação de desemprego fora superado durante estes meses, e que o companheiro destas trabalhadoras entrevistadas, voltaram a contribuir com as despesas da família. Houve apenas uma situação em que o companheiro permanece desempregado, mas por haver algo que foge ao seu controle, sendo o caso das seqüelas do acidente que sofrera anteriormente.

Com relação a realização do trabalho doméstico, agora que os dois estão trabalhando, a Mulher 1 respondeu que ela faz todo o serviço da casa sozinha, seu companheiro não ajuda com absolutamente nada. A Mulher 2, permanece na mesma situação, nestes meses nada mudou seu companheiro continua não fazendo as atividades domésticas. A Mulher 3 diz que pelo fato de ela chegar do trabalho antes que ele, a mesma faz todo o trabalho doméstico, quando ele chega já está tudo pronto. Ela diz não ter paciência para esperar que ele faça estas atividades quando chega do trabalho. A Mulher 4 diz que seu companheiro, agora que está trabalhando não faz nada em casa. A Mulher 5 relata que ele continua ajudando-a com o trabalho doméstico, ela faz o jantar e lava a roupa da família, o restante ele faz.

GRÁFICO 13 - O COMPANHEIRO AJUDA COM O TRABALHO DOMÉSTICO



Fonte: Entrevista com mães das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas – Unidade I Vila Pioneira

Vemos então que, apesar do marido e a mulher estarem trabalhando assalariadamente, o trabalho doméstico na maioria dos casos continua sendo atribuição da mulher, assim como o cuidado com os filhos. Quatro entrevistadas afirmaram que quando o companheiro conseguiu um emprego, os filhos ficam unicamente sob responsabilidade da mãe, como se ela tivesse uma atribuição natural de ficar com os filhos, e que eles apenas ajudavam “olhar as crianças” enquanto as mães estão em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir desta investigação em primeiro momento, através das fichas cadastrais das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas, que havia na ocasião do levantamento, dentre as 151 famílias cadastradas, 16 tipos de composições familiares diferentes, observando que prevalece em sua maioria as famílias compostas por pai, mãe e filhos, sendo esta a composição de 70 famílias. Seguindo, apresentou-se a família monoparental feminina, aquela composta por mãe e filhos, com 34 famílias. Já as famílias compostas por mãe, padrasto e filhos somam o número de 10 famílias. As demais composições familiares somam menos que 10 famílias, e podem ser observadas no Quadro 1, presente no segundo capítulo deste trabalho.

Também através das fichas cadastrais, foi possível constatar que, haviam naquela ocasião 42 mães/ madrastas desempregadas, e apenas 12 pais/ padrastos na mesma situação. As informações nos revelam que o desemprego é maior entre as mulheres do que entre os homens. As fichas mostram também, que há a mesma quantidade de homens e mulheres, ou seja, 36 mães/ madrastas e 36 pais/ padrastos, com salários entre 401 e 600 reais; bem como na faixa salarial de 201 a 400 reais, que corresponde a 21 mães/ madrastas e 21 pais/ padrastos. Observou-se ainda que há um distanciamento entre homens e mulheres em duas situações: a primeira situação é quando se refere a salários inferiores a 200 reais, onde apresentou-se 14 mães/ madrastas, e apenas 3 pais/ padrastos. Já a segunda situação apresenta 16 pais/ padrastos com salários entre 601 e 800 reais e somente 5 mães/ madrastas com a mesma faixa salarial. Neste ponto da investigação observou-se que quando se trata de salários mais altos, homens ainda ganham mais que as mulheres. Constata-se ainda através destas informações que ao referir-se a salários inferiores a 200 reais/ mês, há mais mulheres que homens nesta situação.

As informações colhidas das fichas demonstram um panorama da renda total das famílias atendidas pela entidade. Desta forma percebeu-se que haviam 38 famílias com renda total de até 415 reais, 64 famílias com renda de 416 a 830 reais, 18 famílias com renda entre 831 e 1.245 reais e 14 famílias sem renda. Pode-se concluir destas informações que 102 famílias, ou seja, 67,54% das famílias atendidas pela entidade possuem renda que variam entre um e dois salários mínimos. Somando-se a estas, aquelas famílias que não possuem renda têm-se um total de 116 famílias, ou seja, 76,82% de famílias com renda de até dois salários mínimos.

Apresenta-se também nestas fichas, a informação referente a quantidade de membros da família que estão trabalhando. Logo, foi possível perceber que em 68 famílias há apenas 1 pessoa trabalhando, que em 50 famílias 2 pessoas trabalham e em 27 famílias nenhuma pessoa está trabalhando. Observamos que é alto o número de famílias em que não há pessoas trabalhando, porém, este número não é igual ao de famílias sem renda, porque há famílias que contam com rendimentos de aposentadorias, pensões, auxílios e bolsas.

Com relação às entrevistas realizadas com as mulheres mães das usuárias da entidade, no primeiro contato, observou-se que das cinco mulheres entrevistadas, 4 delas possuíam carteira assinada, com média salarial entre 350 e 550 reais. Sendo que apenas uma, não possuía renda e trabalhava de maneira informal. Na primeira entrevista tinha-se uma copeira, uma revisora de contaminação de aves, uma auxiliar de serviços gerais, uma agente ambiental e uma zeladora.

No segundo contato para entrevista temos um aumento de salário de uma das entrevistadas, e percebe-se que todas elas estão trabalhando com carteira assinada, sendo uma em período de experiência. Neste momento temos uma ajudante de confeitaria, uma revisora de contaminação de aves, uma auxiliar de serviços gerais, uma embaladora de peixes e uma zeladora.

Todas elas pararam de estudar, sendo que apenas uma concluiu o segundo grau. Percebe-se através das informações repassadas pelas entrevistadas, que seus companheiros contribuíam com o trabalho doméstico, apenas no período em que eles estavam desempregados, pois, assim que voltaram ao mercado de trabalho, deixaram de lado as tarefas domésticas, como se isso fosse para ele apenas uma contribuição. Sendo que das cinco mulheres entrevistadas, quatro delas afirmaram que seu companheiro ao retornar ao mercado de trabalho deixou de ajudar com as tarefas domésticas.

Nas fichas cadastrais os companheiros das entrevistadas estavam desempregados. No segundo contato para entrevista, verificou-se que apenas um companheiro permanecia desempregado e nesta situação ele tinha seqüelas de um acidente que sofrera no passado. Os outros quatro companheiros estavam trabalhando, sendo três com carteira assinada e um autônomo.

Tem-se então, a partir desta investigação, que a resposta da questão central desta investigação que é: *quais as implicações das jornadas de trabalho na vida da mulher mãe das usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas*, foi possível perceber que a principal implicação é o acúmulo de tarefas, ou seja, a sobrecarga de atividades que recaem sobre a

mulher. Percebe-se também que ela executa uma tripla jornada de trabalho: uma como assalariada no mercado de trabalho, uma como dona de casa, e outra como mãe.

De forma geral percebemos que quando nesta condição, a primeira coisa que a mulher abandona é a escola, com a finalidade de dar conta das outras tarefas que se apresentam como de sua responsabilidade.

Ao desempenhar a jornada como trabalhadora assalariada, a mulher trabalha em média oito horas por dia, cinco dias por semana. Ao final do mês recebe um salário pago pelas atividades que desempenhou durante o mês. A jornada de trabalho que ela desempenha no espaço doméstico (ao lavar a louça, limpar a casa, lavar roupas, cozinhar, passar, tirar o pó, enfim colocar a casa em ordem) não tem horário para começar ou para terminar. E a terceira e não menos desgastante das jornadas de trabalho, é dedicada ao cuidado dos filhos, dar banho, remédio, levar ao médico, a escola, comprar roupas, calçados, materiais escolares, ir a reuniões, bem como trocar as fraldas, tudo isso é atividade que a mulher desenvolve. Os companheiros “ajudam” educar os filhos enquanto as mães cuidam do restante, como se a responsabilidade masculina fosse complementar.

Verifica-se com esta investigação que com relação à divisão sexual do trabalho, as atividades domésticas ainda são desempenhadas pelas mulheres. A participação do homem na realização do trabalho doméstico, bem como do cuidado com os filhos aparece como secundária. Permanecendo a mulher a responsável por estas atividades, mesmo quando está trabalhando assalariadamente.

Como já disseram, as autora Hirata e Kergoat (1994) no primeiro capítulo deste trabalho, que não é só em casa que se é oprimido nem só na fábrica que se é explorado, as informações obtidas com as entrevistas, deixam claro que esta recíproca é verdadeira, se observado que, consciente ou inconscientemente, as mulheres são exploradas nestas duas esferas. Diz-se desta forma, pois, não foi possível com esta investigação perceber qual é o grau de consciência tanto das entrevistadas quanto de seus companheiros por se tratar de algo subjetivo, que não pode ser medido ou ser quantificado.

Sendo assim, vemos em nossa sociedade a cultura predominante ainda é aquele que atribui às mulheres a responsabilidade pelas tarefas domésticas. Porém, ao contrário dos homens, as mulheres mesmo trabalhando fora de casa, e/ou sendo a provedora do sustento familiar, as tarefas domésticas permanecem como atribuição feminina na situação investigada, não há o entendimento de que homens e mulheres devem trabalhar conjuntamente dentro e fora de casa, proporcionando o bem estar mútuo. Da forma que se coloca o trabalho feminino para estas mulheres, a mulher trabalha (dentro de casa) para proporcionar bem estar a outras

peessoas: aos filhos, ao companheiro, depois a ela própria. Seus desejos e aspirações tornam-se pequenos diante de tantas “obrigações”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Pedro. **A informalidade, Uma Resposta do Projeto Societário Capitalista à Questão Social Desemprego:** o caso dos ex-bancários do Banestado em Cascavel. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2005. p.19-80.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo I:** fatos e mitos. Tradução de Sergio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

CNAS. Conselho Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social: Brasília, 2004.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher nas décadas recentes. *In: Revista de Estudos Feministas*. N.º especial. 2º semestre. CIEC/ECO/UFRJ: 1994.p.179-199.

CARLOTO, Cássia Maria. Gênero, políticas públicas e centralidade na família. *In: Revista Serviço Social e Sociedade nº86*, Espaço Público e Direitos Sociais. 2006. p.139-153.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COELHO, Virginia Paes. O trabalho da mulher, relações familiares e qualidade de vida. *In: Revista Serviço Social e Sociedade nº71, Famílias*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 63-77.

DORCAS. Relatório de atividades do Centro Comunitário e Social Dorcas. Toledo, 1996.

DORCAS. **Relatório de atividades do Centro Comunitário e Social Dorcas**. Toledo: 2006.

FROMM, Erich. Os dois aspectos da liberdade. *In: O medo à liberdade*. Tradução de Octavio Alves Velho. 11 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.p.90-113.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. A classe operária tem dois sexos. *In: Revista de Estudos Feministas*, nº. 1, ano 2. 1º semestre: 1994. p. 93-100.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. EMILIO, Marli. *et al* (org.). *In: Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **A metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora, 1985. p.105-109.

LIRA, Isabel Cristina Dias. Informalidade: reflexões sobre o tema. *In: Revista Serviço Social e Sociedade nº69*, Trabalho. São Paulo: Cortez, 2002. p.140-150.

MARQUES, Eduardo Cezar. *et al*. **Mapa da vulnerabilidade social da população da cidade de São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Assistência Social, 2004. p.6-7.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “Questão Social”. **Temporalis 3**. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2. Brasília: ABEPSS. Graflin. 2001. p.41-49.

NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 29-48 /113-118.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. *In: Revista Ciência Hoje*. Vol. 5. n.º 28. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina: 1987. p.64-70.

ROS, Maria Luiza Silva Da. **A inserção da mulher no mercado de trabalho e as correlações da violência no ambiente doméstico: contribuição das servidoras da Prefeitura Municipal de Toledo – Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus Toledo. 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007. p. 122-123.

SOUZA, Daniele Graciano. **A mulher no cotidiano da família monoparental inserida em programas sociais e moradora do conjunto habitacional “Lar Cidadão” Julieta Bueno de Cascavel – Paraná.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus Toledo. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Onde trabalha? Quanto ganha? Qual tipo de contrato de trabalho?
2. Que trabalho realiza?
3. Há possibilidade de criatividade no trabalho que ela desenvolve? () Sim () Não. Qual?
4. Para onde se destina o ganho desta trabalhadora?
5. O que ela faz além de trabalhar (em casa e fora de casa)? Descrever.
6. Elas estudam ou estudavam? () Sim () Não. O que? Porque?
7. Participa de alguma organização social, política, cultural, sindical ou associação de bairro? () Sim () Não. Qual? Descrever.
8. Participam de algum programa ou freqüentam reuniões para que a filha tenha acesso aos serviços prestados pela entidade? () Sim () Não. Descrever.
9. Seu companheiro está trabalhando informalmente? () Sim () Não. Quanto ele ganha?
10. Quando você está (estava) trabalhando fora de casa, seu companheiro fazia o trabalho doméstico? Descreva.
11. Quando você está (estava) trabalhando fora de casa, seu companheiro cuida ou ajuda a cuidar dos filhos? Descreva.

APÊNDICE 02 – TERMO DE CONSENTIMENTO